

O livro caiu da estante. Sem ninguém se aproximar, sem nenhum terremoto, nada acontecia naquele momento. Adquiriu vida e vontade a matéria inerte?

Perdoem os leitores esta fraqueza do narrador. Este querer ver o invisível. Devaneio de poeta sem talento, suscitado por um simples livro caído de uma estante anónima.

Bem feiazinha por sinal, a estante. De madeira barata, com portas já empenadas, pintada de cor que já não se usa. Porém, com um livro que dela caiu, aparentemente sem explicação científica, ganha mistério a estante. Torna-se apetecível ao narrador, que por momentos é mariposa atraída pela luz do candeeiro da rua.

No seu trabalho de cronista, o narrador deixa-se levar, não poucas vezes, pelo seu amor aos livros. Isso entorta-lhe a clarividência profissional e custa-lhe sempre algumas páginas de copiosa palha, para desespero do editor e enfado do leitor.

Não é seguro que na mente de outro narrador menos atreito a fraquezas de espírito, não crescesse igual enlevo por aquela literatura deslocada da ordem que lhe cabe por direito naquele cosmos de livralhada que é a estante. Certamente outros veriam nele uma estrela cadente que risca os céus ou um rio que salta as margens que o oprimem. Os mais medíocres não conseguiriam deixar de ver naquele livro o estafado passarinho que deixa o ninho.

Aquele livro assim caído estava mesmo a pedir um voo picado da imaginação. Por mais bruto que fosse, nenhum

narrador resistiria a fantasiar sobre aquele livro de capa surrada e de folhas amarelecidas, sinais exteriores da afeição que alguém nutre por ele há muito tempo. Não é possível deixar de indagar que mãos o desfolharam e que olhos o leram durante esses vinte anos de vida de livro que leva.

Onde isto já vai....vida de livro. Na queda daquele livro viu o narrador o sopro da vida. Ouviu o “ergue-te e caminha”. Viu e ouviu o que quis. Não o que foi,

Bem sabe o narrador que foi outro sopro que motivou a queda.

Tudo, desgraçadamente, se explica por moléculas, átomos, energias e respectivas interações. Disso não se cuida aqui explicar em profundidade, pois a ciência do narrador tem pernas curtas e não chega a tanto. Outros o farão, seguramente com maior acerto e maior benefício para a compreensão dos leigos.

Em poucas palavras, para recuperar tempo perdido, foi a porta que fez cair “A Cidade e as Serras”.

Aquela porta branca, batida com inusitada violência por aquele homem que ainda vemos a entrar no elevador.

A energia aplicada à porta transmitiu-se, de forma imperceptível ao olho humano (desculpa de narrador), às paredes onde se desenha a saída. Paredes a que a estante se encosta num equilíbrio de velha.

Bastou um ligeiro tremor, um quase nada de onda sonora, ampliada pela movimentação do ar comprimido pela porta, para que o livro, apanhado em descuidos de equilibrista, desabasse e caísse ao chão, de bruços, aberto entre as páginas 45 e 46.

Durante o tempo que o elevador gasta do 7º andar ao rés-do-chão (exactamente 43 segundos) grossas lágrimas rolaram na face do homem que batera a porta.

Quando o elevador terminou a sua função, no rés-do-chão, já o homem se havia recomposto. Nada deixava transparecer que ele chorara entre o 7º andar e a saída e não seria o elevador a jurar que o vira chorar.

Saiu para a rua e misturou-se na Babilónia de gente e automóveis.

Sorriu, como sempre fazia, ao polícia de plantão à porta da casa do ministro Raposo.

Noutras alturas pensaria mesmo que, como dizia aos amigos, só uma formalidade estúpida gastaria um polícia de plantão a fazer segurança àquele ministro. Apenas um sentido de humor mórbido muito afinado permitiria vislumbrar alguém que quisesse fazer mal ao Dr. Raposo. Não fosse o polícia, ninguém saberia que ali mora o Dr. Raposo ou que ele era ministro. Ia porém com a cabeça demasiado vazia para pensar em tais pilhérias.

João Pais, conhecemos-lhe agora o nome, desandou à direita e deitou a descer a Rua do Arsenal em direcção ao

escuro do rio que, ao fundo, corria em direcção ao mar obedecendo à sua natureza fluvial e aos chamamentos da gravidade.

Nada naquele homem de 35 anos indiciava a cruz que carregava. A mesma postura, o mesmo passo exacto, os mesmos ombros ligeiramente assimétricos. Tudo como dantes.

Apenas ao narrador não escapara um ligeiro sinal de que algo de grave se passara. Sinal que ele apenas percebe por dever de ofício, mas que hesita em dá-lo a conhecer, por temer ser mal entendido e tomar o leitor a descrição do fenómeno como mais um efeito da sua confessada propensão à fantasia e advento de mais umas páginas de indigestão literária.

Jura o narrador que será fiel e factual e que está tão incrédulo como o leitor ficará.

O sol de verão das 6 da tarde, que incide directa e obliquamente na cara de João Pais, passa por ele e não o vê.

Este sol, a esta hora, como qualquer fotógrafo amador sabe, produz longas sombras. Porém, contrariamente a todos os outros que caminham naquela rua, acompanhados das suas longas sombras, João Pais não produz qualquer sombra. O sol atravessa-o como se ele não existisse.

Vá lá saber-se porquê.

A ausência de sombra não é fato científico. E o narrador, já comprometido com os fatos, deve por obrigação do ofício e dever de clareza, aguardar junto com o leitor que se explique fato tão inusitado como o do Sol ignorar matéria e forma neste, ou em qualquer outro planeta.

Tais coisas pertencem ao mundo do fantástico, onde o imaginário se inflama em terrores primitivos da noite e do fogo. Sabemos que sombras são fugidias e mutantes e persegui-las pode ser trabalho inútil, além de extremamente cansativo.

Mais interessante será voltar à ação e acompanhar o homem em seu trajeto para o rio.

Caminha guiado pelo piloto automático do cérebro já enfastiado de ruas tão conhecidas. Pernas e pés obedecem, gratos pela satisfação de exercer a lei do mínimo esforço e em não hesitar, pelo hábito do cotidiano, com os obstáculos dos buracos no cimento, e dos meios-fios por subir ou descer.

João Pais, é alto.

Mais alto do que o comum, os ombros meio curvados que denunciam o jeito de quem cresceu muito rápido. Jeito de quem se habituou desde cedo a olhar para baixo e a se adaptar às proporções de mesas e camas executadas para a estatura média, adotada como padrão de conveniência fácil pelos fabricantes e de extremo incomodo para aqueles que se lixam em se adaptar a espaços restritos e inadequados ao próprio e justo tamanho.

Cabelo farto, escuro, longo e um tanto desalinhado, fornece um certo ar de rebeldia e inconformismo aos seus maduros 35 anos.

Sua estrutura é esguia, pernas e braços longos, ombros largos e mãos fortes, pescoço taurino. Tudo isso faria supor um homem em que a sedução do físico - privilegiado pela generosidade da

mãe natureza – facilmente levaria a vaidade e arrogância, não fosse pelo olhar. Levemente puxados, os olhos abrigam uma cor castanha tão fechada e intensa que se passa pelo negro, onde as meninas dos olhos se escondem como se cerrasse sobre si as persianas da janela para melhor observar o exterior sem serem vistas, e então rir à vontade daquilo que vê.

A barba, mesmo escanhoadada cuidadosamente, mantém uma leve sombra acinzentada na pele branca do rosto e onde o nariz imponente e reto sempre se apressa a ser o primeiro ao entrar em uma sala.

Veste-se de maneira comum, informal calça jeans escura e camisa xadrez em tons de vermelho, cuidadosamente escolhida. Elegante sem escarcéu, na sofisticada sutileza dos detalhes.

Atrairia facilmente os úmidos olhares - femininos e de cães viralatas - se ele se dignasse em seu cismado caminhar, olhar para uns ou para outros.

Seu olhar, nesse momento, é somente bússola do piloto cérebro, serve só para conduzir para longe de postes e tropeções os seus 1,85m de altura. Conhecidos que atravessaram seu caminho não foram vistos e nem devidamente cumprimentados como deveriam, e no futuro próximo esse momentâneo não enxergar vai lhe causar a difícil de descolar - fama de antipático.

As lágrimas de agora pouco ainda secando, invisíveis, nas mangas da camisa. Segura, com esforço, os músculos do rosto em um ar exterior de quem apenas aprecia a paisagem.

Cabeça vazia, coração batendo forte. As mãos se contraem ainda insatisfeitas com a pequena violência cometida contra a porta branca; e indiretamente com o livro de Eça de Queiroz.

Isso, a nossa personagem ainda não sabe. O seu exemplar de “A Cidade e as Serras” ao se estatelar no chão de folhas abertas, causou uma dobra na página 46, dobra que vai se juntar indelevelmente às já existentes orelhas e manchas dos vinte anos de posse. Justamente na passagem do livro em que o personagem Zé Fernandes reconhece que: “mesmo com dor, porque sou bom, e sempre me entristece o desmoronar de uma crença”; ficará marcado também, com um risco em viés, o momento de dor do nosso personagem, João Pais.

Eis o rio.

Desde o estrondo da porta branca, batida atrás de si, que este rio tomou conta da cabeça do Pais. Invadiu-a e tomou-a completamente, como uma infecção fulminante. Como a água vertida no copo expulsa o ar que lá estava dentro, também o rio expulsou da cabeça daquele indivíduo todo o seu livre arbítrio e tomou conta das suas funções motoras. Sem saber como nem porquê tornou-se a obsessão momentânea daquele homem. daquelas obsessões das quais só nos livramos quando já é tarde de mais.

Num credo, o rio, na sua majestade de maravilha da Natureza, ocupou integralmente o olhar de João Pais. Outras pessoas estavam, como ele, parados na margem direita daquele rio, mas ninguém o via como ele o estava vendo nesse momento.

Diga-se para ilustração dos leitores que o rio de facto é bonito e digno dos maiores encómios à sua elegância natural.

Naquele seu trecho, distante da foz apenas um par de quilómetros, o rio corta a cidade a meio, numa curva suave. O burgo, antigo de milhares de anos, como que se encastelou nas suas margens, em anfiteatro.

Dir-se-ia que uma cidade nasceu apenas para ver passar aquele rio. Casas e ruas acotovelando-se num Maracanã em dia de final, lutando pelo melhor lugar para observar aquela massa de água escura, meio esverdeada, que no Inverno produz brumas que envolvem a cidade num mistério de literatura fantástica e, depois, no verão se



transforma num espelho de Narciso que fala sempre o que a cidade quer ouvir: que não há outra no mundo mais bela.

Era este o rio da lenda que a avó do narrador contava no tempo em que os meninos adormeciam de olhos abertos e a imaginação voando.

Ali naquela margem, ao lado de João Pais, por dever de onnipresença, este vosso criado, caro leitor, olhava, também ele, o rio da sua infância.

Era uma vez dois rios gémeos que viviam em Espanha e nunca tinham visto o mar. Com saudades do que nunca tinham visto, decidiram que no dia seguinte, de manhã bem cedo, se fariam ao caminho para uma jornada de ir ver-o-mar.

Um dos gémeos, mais cabeça no ar, demorou a adormecer, excitado na perspectiva da aventura.

Como dormiu tarde, não acordou a tempo de empreender a viagem com o seu irmão. Este, bem cedo, ainda lusco fusco, deitou os pés ao caminho que as suas águas foram fazendo. Com calma, pois tinha tempo suficiente.

Foi vogando lentamente, escolhendo os carreiros mais deleitosos. Contornou dificuldades em curvas e retrocessos de quem tem vagar. Espraiou-se e preguiçou em veigas planas, como ciclista em descida suave.

Quando, finalmente, chegou ao mar abraçou-se a ele com a tranquilidade de quem vem descansado e de missão cumprida. Um e outro, fluvial e marinho, tornaram-se cúmplices, companheiros de jornada e, por quilómetros em diante. No final da viagem, mar é rio e rio é mar.

Acordou o outro, estremunhado, já o sol ia alto. Partiu à desfilada, sem tempo de lavar a cara. Correu feito louco, pelo caminho mais a direito que encontrou. Subiu montes e vales que não tinha tempo nem vontade de contornar. Lançou-se do cimo de penhascos em voos temerários de pássaro que não era. Estreitou-se em milagres de contorcionista em gargantas finas demais para o seu corpo. Inundou campos e casas.

Quem o visse julgaria que lhe matavam a mãe, tal o vigor com que saltava os obstáculos que se lhe deparavam. Quando finalmente chegou ao seu destino, lançou-se no mar como vinha da sua viagem. Em sobressalto, com as suas águas desgrenhadas, selvagem, autentico e indomável.

Ainda hoje, surpreendido, o mar luta com ele na sua foz. O rio querendo entrar e o mar levantando-se em vagas alterosas.

Isto posso afiançar que é tudo verdade.

Se o olharmos atentamente, como eu o faço, muitas vezes surpreendemo-nos com o rio a correr ao contrário, da foz para a nascente, de jusante para montante. Tenho a certeza que o faz para ganhar lanço e vencer o mar que lhe resiste

Este rio desgrenhado da lenda é o que o Pais e eu estamos vendo da sua margem direita.

Tivesse alguém podido contar-lhe esta lenda, neste exacto momento em que estamos, e talvez a história que nos ocupa fosse outra. Provavelmente acabaria aqui.

Despertada por um clique inaudível, a Razão retomaria as rédeas de João e faria recomeçar o ram-ram entorpecedor do seu quotidiano, repondo lentamente o rio na função meramente ecologica que lhe cabe.

Tenho motivos para suspeitar que finalmente a Razão depois de ter desmaiado, voltava lentamente a si.

Digo isto porque vejo João Pais a lutar contra a ponte. Posta a coisa assim com esta singeleza reconheço que seja de difícil compreensão a luta. Como é que alguém luta contra uma ponte?

Procurarei explicar o meu ponto de vista, pois tenho dados relevantes para o seu bom entendimento. Vou partilhá-los.

Este rio tem pontes que a cruzam, como qualquer rio que se preze

Mas tem uma em particular e foi essa que trouxe João Pais ao rio. Não tivesse o rio essa ponte e jamais seria esse espartilho obsessivo que impede aquele homem de respirar.

É uma ponte bela, já centenária, toda feita em ferro, com o seu arco elegante como que tricotado em renda escura. Verdadeiro postal, cantada por engenheiros e turistas. Querendo o mundo vê-la só tem que ir à Internet e clicar no portal da cidade. É o cartão de visita, fotografada de cima para baixo e de baixo para cima, de lado, a  $\frac{3}{4}$ , de dia, de noite, com nevoeiro.

Sucede que, como tudo que é belo, também esta ponte tem o seu lado trágico. Também ela é Dr. Jekyll e Mr. Hyde.

Alta de 50 metros, por circunstâncias que não têm explicação, ao longo da sua centenária existência, a ponte tornou-se um verdadeiro altar do sacrifício ritual de toda a sorte de derrotados.

Durante cem anos aquela obra de engenharia reclamara já a vida de centenas de cornos, falidos, loucos e outros desiludidos avulsos, que dela se lançaram em voos libertadores. O primeiro estreou a ponte nessa função 3 dias antes da sua inauguração. O próximo, não se sabe quem será...Qualquer um....basta viver nesta cidade. João Pais, quando à porta de casa virou à direita e desceu a rua em direcção ao rio, ia ser o próximo.

Compreenderão agora porque digo que a Razão ia acordando em João Pais e porque o vejo lutando contra a ponte. Ela estava ali a 150 metros à sua esquerda, ainda mais imponente quando vista de baixo.

Reconheça-se, calçando por momentos os sapatos de um derrotado, que para ele, enfraquecido na sua vontade, o seu apelo é inelutável.

Porém, João Pais via-se que resistia.

Desde que chegara e se pusera a olhar o rio de frente, nem uma única vez olhou a ponte. Teria sido bem fácil. Bastaria um ligeiro movimento da cabeça e ela preencheria integralmente o seu campo de visão e, a partir daí, tudo se precipitaria.

Nessa sua luta violenta contra a ponte, apesar de permanecer imóvel há pelo menos meia hora, João Pais suava abundantemente, quase extenuado, apesar da temperatura amena que fazia e do fresco que vinha do rio.

- Pais! Olha o Pais! Há quanto tempo homem!

Aquele chamamento vindo de trás de si, trazido por uma voz esganiçada que lhe pareceu familiar, desviou-o do rio. João Pais voltou-se, rodou o seu corpo à direita, para não ver a ponte (a Razão fazendo o seu metier), deu de caras com o Serafim, que lhe lançava os braços numa ameaça de abraço eminente.

O Serafim Almeida tinha a idade de João Pais, um pouco mais baixo. Porém já careca e de barriga proeminente – amortecedor sexual como lhe chamava, numa chalaça que ele repetia “ad nauseum”. Tinha emprego na Câmara que lhe fora arranjado pelo pai, que por sua vez o obtivera de seu pai, avô de Serafim.

Serafim andava sempre enrolado em negócios obscuros e mulheres alheias. Conta a lenda que geria a Secção que dirigia como se do seu serralho particular se tratasse e que nenhuma das 30 mulheres que aí trabalhavam, novas e velhas, havia escapado ao “castigo”. Tudo confirmado por fontes independentes geralmente bem informadas, que sublinhavam sempre a harmonia em que o mulherio trabalhava naquela Secção, a mais produtiva e menos conflituosa de toda a Câmara.

João Pais arquivava Serafim Almeida no capítulos dos vagamente conhecidos e a evitar se possível. Isto, apesar de Serafim, sempre que por azar de sexta-feira se cruzavam, lhe lembrar que foram colegas de Escola e de copiosamente lhe recordar putativas histórias escabrosas

passadas em conjunto no Colégio. João Pais não se recordava nem do condiscípulo, nem das aventuras de rapazes em conjunto.

Talvez inveja do êxito de Serafim entre as mulheres, talvez outra coisa qualquer. Ou talvez a confusão, nunca esclarecida, de Serafim ter tomado João Pais por outra pessoa.

De qualquer modo, Serafim Almeida, não era nem mau diabo nem bom filho da mãe.

A ameaça do abraço concretizou-se, exagerado como era timbre do amanuense da Câmara.

Mais encontrão que abraço, que pegou num João Pais amolecido e o fez, inadvertidamente, encarar pela primeira vez a ponte. Bem de frente para ela, sem que nenhuma manobra evasiva a pudesse evitar. Ele olhou para ela e pareceu-lhe que ela olhava para ele.

Sempre olhando, trocou palavras de circunstância com Serafim, que comentou as pernas ao léu de uma turista loira sentada na esplanada.

Aquele contacto com o seu quotidiano parecia salvar João Pais. Enquanto olhava a ponte fixamente, sentiu a sua obsessão por ela desvanecer. Viu mesmo no rendilhado de ferro da ponte uma comparação com as rendas que ornamentam as roupas que escondem as intimidades das mulheres. Sorriu levemente ao pensar nisso.

Ao despedir-se, Serafim, que ainda tinha que passar pela Câmara para atender uma necessidade qualquer que não

foi fixada, anunciou que um dia lhe iria passar pelo escritório para lhe propor um negócio de truz, só para amigos.

Essa referência fez lembrar João da reunião que tinha marcado às 19h30 no escritório e que precisava de correr. Despedido Serafim, tomou um táxi para o levar à outra margem.

Mergulhado no trânsito compacto, o táxi a passo de caracol, subiu à parte alta da cidade e entrou na Avenida da Ponte, numa fila perene.

Meia hora depois, táxi, taxista e passageiro ainda se encontravam parados no meio da ponte, conquistando alcatrão milímetro a milímetro, para-choque com para-choque.

João Pais abriu a porta, subiu a guarda da ponte e lançou-se ao rio, num voo desajeitado de ganso atingido por zagalote de caçador experimentado.

João chora por ter sido traído. A cruz é por ter sido com outra mulher.

A ponte de onde João saiu agora a pouco é de fato uma passagem. Entre duas margens e dois mundos, duas épocas. Do lado onde mora, trabalha, nasceu, e vive toda a sua vida, a cidade é antiga. Quase toda ela edificios históricos mesmo tendo oito ou dez andares, eles terminam em telhados de duas águas, o que dá a cidade um meigo ar de presépio. Cores suaves nas paredes encimadas pela cor de terra das telhas. Suave, discreta, pacata, sólida e muito digna como seus habitantes. Edificios construídos para durar.

Essa é a Velha Cidade, como passou a ser chamada. Ou como preferem seus habitantes mais tradicionais e renitentes às mudanças, apenas a Cidade, desconsiderando a divisão que aconteceu no outro lado do rio, a Nova Cidade.

Esta divisão aconteceu rápido em tempo de cidade. Apenas nos últimos 20 anos no triplo golpe da administração que por decreto abaixou quase a zero os impostos para a construção civil, para a instalação de empresas e para as terras do outro lado do rio. Assim esse lado virou uma massa compacta de prédios altos, reluzentes e ofuscantes ao sol. Envidraçados em azul, cinza, prateado, dourado, a Nova Cidade brilha ao sol e brilha à noite quando suas infindáveis luzes se acendem. Edifícios inteligentes, temperatura interna auto-regulada, câmeras de tv em todos os andares, garagens, crachás eletrônicos para identificar moradores e visitantes.

A população moradora deste lado é composta dos empresários, estudantes, publicitários, jovens ou não tão jovens todos igualmente brilhantes e coloridos em suas roupas de tecidos sintéticos. Lojas de carros, motos, eletrônicos, informática, e muitas lojas de roupas. Estar na moda, diz quem você é. Dizem. Cabeleireiros, maquiadores, academias de ginástica, cirurgias plásticas. Tudo o que é brilhante, ofuscante, arrojado, impressionante ou feito para impressionar, mora neste lado do rio.

João Pais pertence à Velha Cidade. A família Pais educou João para a correção.

- O certo é o certo.



Assim repetia Antonio Pais, o pai, de terno e gravata à mesa do café, à mesa do escritório , à mesa no almoço de domingo, e até mesmo à mesa de sua amante de muitos anos, a Maria, aí já sem gravata.

E assim, João fez o que era certo.

Sempre bom aluno, estagiário no maior escritório de advocacia enquanto terminava a faculdade. Abriu seu escritório e foi galgando os degraus de uma sólida carreira, como se os degraus ali estivessem e só lhe bastasse subir, com esforços e dificuldades, abnegações e sacrifícios, porém essa era a escada.

Casou-se com Antonieta Coelho a mais jovem e a mais bela de uma das mais tradicionais das famílias da Velha Cidade. Avassaladoramente bela, tradicionalmente bela com seus cabelos louros e olhos azuis, culta, o suficiente, educada e servida à francesa pelo mordomo da casa dos Coelho. Sempre elegante em tudo o que fizesse.

O namoro e noivado dos dois foi corretamente vigiado de perto pelos pais. Não que os Coelhos pensassem que João tomaria liberdades antecipadas com sua caçula. João era o noivo perfeito para sua preciosa filha, de boa família, estudioso, sério e com futuro brilhante. Sabiam que ele faria apenas o que era certo e eles também faziam a sua correta vigília.

Namoraram e noivaram de quinta a domingo, todas as noites, durante 3 anos. Casamento sem paixão porém com um sentimento que se confunde com esse: o do orgulho da posse de algo belo e raro. João não tinha nem a consciência nem a culpa de tal confusão de sentimentos - tão distantes um do outro.

Afinal, toda a sua energia era concentrada nos seus estudos, no cumprimento dos deveres. E, se notava sua vida interna, era como se fosse algo à parte de si.

Raramente deixava-se levar por impulsos e quase sempre amargava poderosa culpa após esses instantes.

Conheceram-se numa livraria. Em uma quinta-feira à noite de um dia calorento e empoeirado, após o estágio no escritório e das aulas, aos 18 anos e ainda virgem, resolve entrar na livraria. Não que nesse momento ele pensasse nesse detalhe da virgindade, coisa que só o ocupava em momentos íntimos ou nas conversas com colegas na mesma situação que ele, aprisionados também dentro dos rigores morais da Velha Cidade. Nunca, em momentos tão ocupados como vinha tendo, entre aulas, estágio, esportes. Pensa apenas em comprar um livro que precisava e outro que desejasse e se meter, em casa, no chuveiro e na cama, nessa ordem.

Porém, a menina que estava no fim do corredor, ao João entrar e se postar na seção **JURÍDICA**, vem lentamente andando em sua direção. E pára justamente ao seu lado interessada nos mesmos livros.

Na dança harmoniosa e solitária que os amantes dos livros realizam nas livrarias, João também dançava a sua. Procurou primeiro e rapidamente o título de Direito que precisava, enfiou debaixo do braço e seguiu para a estante de **LITERATURA** e lá percorreu embevecido e com vagar autores em ordem alfabética, andando meio passo à esquerda de cada vez e assim se aproximando mais dos fundos da loja. Lembrou de um lançamento lido no jornal que o interessou, três passos à direita,

uma volta à esquerda, gôndola central. **LANÇAMENTOS DA SEMANA.**

Enquanto realiza seu estranho balé, começa a tomar consciência de sua partner. A menina de longos cabelos de samambaia.

A informação vai sendo processada lá no fundo do seu cérebro com a ajuda entusiasmada de seus hormônios. Mais seis passos e uma volta à direita, seção **DICIONÁRIOS**. Sente em seguida os cabelos esvoaçantes em seu braço, ela à sua direita interessadíssima nos Dicionários de romeno e chinês.

Com o coração acelerado e a cabeça vazia, resolve tirar a definitiva prova dos nove.

Quatro lentos passos mais para o fundo da loja olha com toda seriedade e compenetração a seção de **CULINÁRIA**, levando debaixo do sôvaco o título “Causas Perdidas em Direito Tributário”. Chega mesmo a retirar da prateleira o exemplar de “Omeletes para toda a família”, abre e olha por cima de fotos de espumantes ovos batidos para a sua sombra feminina.

Ela está de costas a três passos, de calça jeans, tênis, uma túnica indiana, bolsa de tecido molengo multicolorida. Mas não por muito tempo. Volta-se em um meio sorriso e aproxima-se. João enfia a cara no livro - o coração mais acelerado e a cabeça mais vazia - ouve uma pergunta, levanta os olhos.

Assim iniciam uma tonta conversa sem sentido. Os olhares presos, braços que se encostam apontando livros nas estantes.

João já não se lembra do diálogo que realizaram, lembra que deixou em cima da gôndola de **DIDÁTICOS DO 1º GRAU** o exemplar de direito que carregava, e nem de como se viu na casa da menina, apenas de uma vaga referencia a um livro que ela queria mostrar.

Não se falou mais de livro naquela noite.

Ao acordar com um peso estranho em seu peito foi abrindo os olhos e viu a mão feminina, morena e de unhas roídas. Sentiu um leve cheiro de capim cidreira vindo dos cabelos, encaracolados e longos, espalhados no travesseiro. Sorriu para si mesmo com as deliciosas sensações que sentiu e que sente agora. Até que...uma pergunta estala em seu cérebro: o que faço agora? Olha para o relógio de pulso: 3 e meia da manhã! O que vai dizer para a família que deve estar em polvorosa a esta altura? Principalmente para a mãe, amorosamente aflita em seu amor pelos filhos? E pior! O que vai dizer para a menina com o braço em cima dele já que sequer sabe seu nome? Ela se mostrou tão apaixonada e entregue que agora, o instinto acalmado, receia pelas complicações de uma paixão não desejada e não correspondida por essa desconhecida, pois lembra que ela sim sabe algo de si já que em algum momento entre beijos, o chamou de João! Nesse instante, já acalorado pelo dia longo e pelas atividades da noite, começou a transpirar furiosamente.

Foi a partir desse momento que João passou a se por em estado gasoso quando qualquer ameaça de situação conflituosa o pressiona e assim permaneceu pelo resto da vida. Suores escorrendo pelas costas, apenas nas costas, como se a aflição fosse uma mãe que o cobrisse com um grosso alcochoado.

Fugir!

Foi só o que conseguiu pensar, o corpo amolecido pelos prazeres e o gostoso cansaço, não ajudava em nada o cérebro apavorado que escolheu a alternativa mais simples.

Fugir! Lentamente começou a escorregar para fora da cama deixando o braço moreno lentamente escorregar de seu peito...

Lembra bem é da pergunta sonolenta murmurada de algum lugar entre os longos cabelos:

- ... João... que foi?

Só conseguiu responder:

- Licencinha...

...como se tivesse urgência em ir ao banheiro, saiu catando em silêncio suas roupas embolando tudo nos braços e procurando a porta que não tinha mais a leve lembrança de onde estaria. Saiu se vestindo em busca de orientação na casa estranha, alcançou a porta da rua só de meias e foi na rua que calçou os sapatos sem amarrar e saiu correndo.

Chegou em casa aliviado por tudo estar apagado e em silêncio, subiu diretamente para o seu quarto, despiu a roupa tão recentemente vestida, meteu-se na cama e simplesmente capotou de sono e cansaço.

No dia seguinte parece que nada de anormal havia acontecido na sua inusitada ausência até que o pai, após o café da manhã – passado na mais absoluta normalidade - faz, ele sim, algo de inusitado. Dá um abraço emocionado em João e com olhar cúmplice diz:

- O certo é o certo.

Depois disso as ausências ocasionais e muito espaçadas de João não mais provocaram grandes emoções.

A menina? João só foi revê-la anos mais tarde, casado e mais gordo, esparramado no sofá assistindo ao noticiário da noite. A menina estava na tela, a mão que segura o microfone tem agora unhas longas e pintadas, o cabelo de samambaia num corte elegante sem perder a sensualidade desgrenhada da juventude. Era jornalista e com o tempo João foi sabendo mais dela. Respeitada por suas matérias sem concessões ou meias palavras, dona de um charme tal que fazia amigos mesmo entre aqueles mais espicaçados por suas perguntas diretas. Tornou-se cada vez mais uma personalidade entre as personalidades, entrevistava famosos e não famosos com o mesmo interesse e cuidado. Escreveu livros, viajou o mundo todo. João agora a revia sem parar em revistas, na tv, e a ouvia no rádio. Um orgulho da terra. João acompanhava essas notícias com avidez e com uma certa dor no coração. A culpa que sentia por ela, agora era culpa sentida por si mesmo também...que mulher interessante!

Mesmo um dia no barbeiro por falta de opção melhor e por demora em ser atendido, João folheia uma revista de fofocas, algo muito longe de seu interesse e hábito – e vê: de novo ali a menina. Matéria superficial falando das coisas engraçadas e

curiosas que aconteceram nas suas viagens e em um momento a repórter pergunta porque ela, a menina, nunca havia se casado. E ela numa simplicidade desconcertante responde que nunca se libertara de uma paixão adolescente por um colega da universidade que fazia Direito. Um rapaz muito alto e magricela. Dizia que nunca mais encontrara um olhar como o dele. E terminava a entrevista brincando que só Freud explicaria um trauma assim.

Nesse instante, João também chorou.

Chorou por seu casamento ter se revelado de uma monotonia intragável. A beleza esplendorosa de Antonieta revelava-se, na intimidade, de uma falta de sal ou de açúcar desalentadora. Sem conflitos, sem paixão, até mesmo sem ciúmes. Até o filho único, Bruno, saiu-se à mãe, lindo e ausente, jamais ralava os joelhos ou falava mais alto que o bom-tom permitia. A vida conjugal parecia para João um comercial de margarina, pelo qual ele pagou muito caro.

Agora, com muitos dos seus objetivos profissionais e financeiros duramente alcançados, João ansiava. A vida interna se fazendo mais presente. Ansiava...pelo que? Não sabia. Só sentia.

Sentir. João se atrapalhava todo nessa hora.

O que sentiu quando viu a sua correta Antonieta nos braços da melhor amiga? Ao voltar para casa num horário nada habitual no meio da tarde, filho no colégio, a casa toda em silêncio dirige-se ao quarto e vê na cama o rosto afogueado e feliz, e por isso mesmo, ainda mais insuportavelmente belo de Antonieta.

Sentiu como sua alma tivesse se retirado do seu corpo. Foi assim que João perdeu sua sombra. E foi já sem sua sombra que desceu ao escritório, pegou as chaves do apartamento de solteiro que ganhou do pai aos 21 anos e foi para lá, no 7º andar.

No caminho passava em revista os homens com que cruzava no caminho. Passava das melhores às mais terríveis opções. E por que não aquele homem, elegante no seu terno de grife, cabelos grisalhos? E porque não com aquele jovem de cabelos azuis e piercing na sobrancelha? E porque não ... Revia mentalmente, conhecidos, amigos, freqüentadores da casa, numa sucessão de buscas de interesses ou de oportunidades fáceis para a mulher cometer a traição.

Mas, uma mulher?? Ser traído por uma mulher era ser negado em todos os seus aspectos. A sua masculinidade decepada na negação do próprio gênero.

E todos os sacrifícios realizados! Noites em claro em cima de processos para a suada aquisição da casa, as despesas com roupas, as jóias nas datas especiais, viagens para lugares onde ele nunca desejou ir...

E os livros pelos quais João nutria um especial afeto, seu lugar onde sua alma encontrava alimento e espaço para vãos que na sua bem arquitetada e insípida realidade não encontrava? Abandonados. Boa parte deles no apartamento de solteiro para onde agora se dirigia, numa solidão miserável onde até mesmo sua sombra se recusou a acompanhá-lo.



E a mesma pergunta de anos atrás vem gelar o seu cérebro e molhar suas costas em uma cachoeira de suor:

- O que faço agora?

Foi assim sem uma resposta que prestasse, que João saiu em seguida e foi chamado pelo rio.

E, agora de volta ao apartamento, e tão estranho a si mesmo depois da luta com o rio, a pergunta permanece:

- O que faço agora?

Esta questão não teve resposta.

Ou era pergunta de retórica, daquelas em que a consciência é useira e vezeira, ou era pura e simplesmente a pergunta mais difícil que algum dia lhe havia sido colocada em todos os exames a que se submetera.

A consciência tem destas proezas. É suposto constituir o repositório dos nossos melhores valores e, por isso, em períodos de enjoo existencial, ajudar a manter o maquinismo em funcionamento, combinando, em doses ajustadas, instintos e influências sociais, usando uns e outros como se de ácidos e bases se tratassem, em busca do fino equilíbrio que nos permite manter a cabeça fora da água. Porém, a bem da verdade, raras vezes faz isso. Até, por algum defeito do projecto primordial, o certo é que a maior parte das vezes, a consciência nem ajuda nem desajuda...só atrapalha.

Ao colocar assim a questão a João, como mero argumento de retórica, sem que nem ela soubesse a resposta, a consciência daquele homem foi-lhe útil como viola num enterro. Limitou-se a manifestar-se, como cão que ladra por mera obrigação canina, sem qualquer intenção de atacar o assaltante.

Aquele latido, vindo de dentro, o melhor que conseguiu foi que João se sentasse bovinamente no sofá coçado e sujo, que há vinte anos apanha pó junto à janela, de frente para a estante onde ao longo dos anos se foram empilhando livros.

Os livros que ali são estacionados são de duas únicas qualidades: ou demasiado medíocres e anónimos, para os quais não existe espaço no lar familiar, ou tão preciosos e significativos para a vida do seu proprietário, que se tornaram sua coutada exclusiva e que, por isso, também permanecem subtraídos ao convívio da família de João Pais.

Nas prateleiras, os livros têm por única vizinhança: uma taça, uma antiga fotografia desbotada e amarelecida e um velho televisor que avesso ao stress, teimava em captar um único canal.

A taça era o testemunho da única façanha desportiva da vida do advogado: uma vitória, ao sprint, numa corrida de bicicleta organizada no bairro pela novel Comissão de Moradores, nos românticos tempos da Dinamização Cultural.

A memória dos seus imberbes músculos retesados e a língua de fora, num derradeiro esforço sobre a meta, ultrapassando o filho do padeiro, por meia roda, sempre lhe fazia sorrir de orelha a orelha, mesmo nos dias mais negros.

Apesar da tentativa de desqualificação encetada pelo pai do derrotado, padeiro e presidente da Comissão de Moradores, com base numa misteriosa regulamentação técnica que só ele conhecia, o certo é que a Taça lá foi entregue a João Pais, de 9 anos, da Escola do Monte do Senhor da Agonia.

Jamais algum campeão do mundo sentiu o que o menino sentiu naquele momento.

Lamentavelmente, o magnífico atleta não teve sequência. Perdeu-se no meio de obrigações escolares e falta de incentivo paterno.

A antiga fotografia, retrata João ao colo da mãe. É o menino ao colo de sua mãe e está tudo dito. Coisas há que não carecem de grandes redondezas descritivas ou de esforços estilísticos mais ou menos pífios. Bastam-se com a simplicidade. É suficiente dizer: - aquilo é assim – e pronto, fica o poema completo. Podem mãe e menino ser feios; estarem sujos e andrajosos, que sempre serão o menino ao colo de sua mãe, e só por isso suscitarão doces lembranças em quem foi menino ou mãe.

Do televisor, tirando o facto de que agora está ligado a debitar uma cacofonia de música foleira e risos forçados, nada de relevante há a dizer sobre o electrodoméstico. Está ali para exercer a sua função de meio áudio visual

que, embora de forma deficiente, lá a vai cumprindo como pode.

Enterrado no sofá, sem saber o que fazer com o estranho par de cornos que lhe coubera em sorte, João Pais entregou-se à contemplação. Não contemplação budista, calma, profícua e acrescentadora. Era mais uma procura de naufrago desesperado em busca de qualquer coisa que lhe permita manter-se à tona da água o tempo suficiente para poder engendrar uma maneira de escapar à morte por afogamento. Os olhos castanhos do homem, ainda que focados para o infinito, buscavam na sala qualquer coisa que lhe permitisse manter-se acima da linha da água.

Veio-lhe à memória do livro que, à entrada, apanhara caído no chão. O empedernido cepticismo em matéria de esoterismo e ciências ocultas de que padeço acaba de sofrer um rude golpe. Aquele livro é dono de história peculiar e parece ter escolhido cirurgicamente a altura de desabar da estante e de se embrulhar nos passos errantes de João, obedecendo a planeamento claro e preciso de conjugações astrológicas e planetas ascendentes.

O olhar encontrou facilmente a lombada amarela e as mãos foram buscá-lo como se tivessem encontrado o sentido da vida. De novo sentado, com o livro no regaço, abriu-o. Anotado na 1ª página, em caligrafia redonda de mulher, ainda lá se encontrava um número de telefone – 235 5679.

Aquele livro fora-lhe dado por uma mulher de cabelos longos, da qual, durante muitos anos apenas soube chamar-se Ana Vera. Essa mulher é a recordação mais

doce da sua juventude e o eterno remorso da sua vida adulta.

Ana Vera era a menina da livraria, de quem João se esgueirara cobardemente, incapaz de enfrentar os medos. Depois daquela noite de amor, para sempre incompleta, por abandono prematuro, o jovem varão da família Pais esteve uma semana inteira sem ir às aulas. Por vergonha ou por medo, nunca chegou a saber.

Ao fim de uma semana sem aparecer, achou que a menina deveria ter finalmente percebido que tudo não passara de uma coisa de rapaz e o seu pudor levá-la-ia a evitá-lo a ele. Juntando assim a fome com a vontade de comer, as probabilidades de os seus caminhos nunca mais se cruzarem eram, ao fim de uma semana, animadoras.

Terça Feira de manhã, de regresso à faculdade, ao entrar no longo corredor que leva às salas de aula, João sentia-se Joãozinho, aterrado com a perspectiva de uma moça de longos cabelos se atravessar no seu caminho. O que lhe diria? O que faria?

Pareceu-lhe que o corredor era quilométrico. Sentia-se subindo uma escada rolante descendente. Sorriu como naufrago que chega à praia, quando alcançou incólume a segurança da roda de amigos, à entrada da sala 29.

Mal acabara de saudar os camaradas, um toque no ombro. Sem se voltar, de imediato soube quem era e ia mijando pelas pernas abaixo.

Virou-se lentamente. Encarando-o estava um rosto que nunca saíra da sua memória. Linda, sorrindo para ele, com os cabelos, estranhamente, no exacto estado em que João os deixara. Ela falou...melhor, chicoteou:

- Olá João, meu nome é Ana Vera. Tu és muito filho da puta, hein! Nem sequer o meu nome quiseste saber.

Ao dizer isto, os olhos dela marcavam serenamente os de João, que procurava, sem encontrar, qualquer coisa minimamente inteligente para dizer. A única coisa que lhe vinha à cabeça era a facilidade da fuga.

Ela continuou com a mesma serenidade irónica.

Com um “ Toma ! “ entregou-lhe na mão um livro amarelo, que ele segurou apenas pelo instinto de agarrar.

- Esse era o livro que eu te queria mostrar na semana passada, estúpido! Tens aí meu número de telefone para quando me quiseres pedir perdão...Mas olha...muito perdão, mesmo! Sabes? Tu vais querer muito pedir-me perdão...muito perdão!!! – rematou com um sorriso lindo e assassino como só sabem fazer as mulheres despeitadas.

Sem ter sequer esboçado um ai, João viu Ana Vera afastar-se. A aula entretanto começara e ele ficara sozinho no corredor, com aquele livro amarelo na mão e achando linda a menina que se afastava. Ainda ensaiou dois ou três

passos na direcção dela, num projecto de corrida, mas não foi capaz.

Nas 4 semanas seguintes, marcou o número de telefone 76 vezes, sem nunca ter tido coragem de deixar completar a ligação e leu o livro por outras 3.

Até ao final desse ano lectivo, cruzou com Ana Vera por 18 vezes. Em todas essas ocasiões quando esboçara uma aproximação, ela afastou-se.

Passado quase um ano, João, com a ajuda de 2 garrafas de vinho, deixou, finalmente completar a ligação telefónica, decidido a pedir perdão a Ana Vera e a dizer-lhe que nunca mais a esquecerá.

A voz que o atendeu era da dona da casa que alugava quartos a estudantes. Enfadada, rosnou que a Ana Vera havia pedido transferência para uma Universidade do sul.

Desligado o telefone, o organismo de João não aguentou e vomitou o vinho tinto no tapete de Arraiolos.

O livro amarelo era aquele que estava agora aberto no seu regaço. A ele voltava sempre nos tempos de crise e depressão, como quem volta, em romagem, ao lugar onde foi feliz, em busca de uma reorganização da sua existência, como Jacinto a querer ir para a serra

A Ana Vera, tornou-se a Ana Vera Cabral, jornalista premiada, disputada pelas televisões do país pela sua competência e formas sensuais, por esta ordem, o que só abona a profissional.

O toque imbecil do telemóvel, despertou João daquela cogitação letárgica à roda do livro. Ao ouvi-lo naquele instante, pela primeira vez perguntou-se como fora possível ter escolhido de entre as dezenas de toques disponíveis, o mais imbecil deles todos.

Ao atender o telefone, reparou na televisão uma cara familiar, com “notícia de última hora” estampada em rodapé corrente, de um vermelho histérico.

Do outro lado, a voz atenciosa da sua mulher, preocupada com o atraso dele para o jantar. João desculpou-se com o trabalho. Disse a Antonieta que ia trabalhar pela noite dentro e que dormiria, se tivesse tempo, ali mesmo onde estava, no apartamento velho. Genuinamente preocupada, Antonieta, recomendou-lhe que se alimentasse direito e descansasse. Mandou um beijo, que João retribuiu por hábito.

Na televisão, debruada a rodapé, a cara rechonchuda e com meia pêra era a do vizinho Dr. Raposo, o ministro.

Com aquela cara que quem não parte um prato, parece que o Raposo fizera jus ao nome. Manhoso, teria andado a comer por fora, num concurso para fornecimento de aviões de combate a incêndios. Apesar de se ter municiado dos habitais cuidados - contas na Suíça e quejandos - não resistira a comer de ambos os lados da contenda aeronáutica, confiando na proverbial ética dos concursos viciados. Quem ganha: parabéns; quem perde: noutra vez ganhará. E ninguém chia.



Apesar do interesse o tema, o dia de João não estava para demasiadas atenções. Facilmente dispersou para o vazio e, paradoxalmente, adormeceu no sofá.

Toda a noite sonhou com buzinas de automóveis.

Quando acordou, dorido do sofá, fustigado pelo sol da vidraça, babado e incomodado pelos apitos, eram 7 horas da manhã.

Apesar de acordado, as buzinas continuaram, vindas da rua. Ainda meio estremunhado espreitou da sua janela. Lá em baixo, na rua, a comunicação social armara o seu circo em frente à toca do Raposo. Armados até aos dentes com câmaras, microfones, telefones, holofotes e carros de reportagem, a troupe dos jornalistas, acompanhada dos omnipresentes e opinativos mirones, chegara bem cedo. Alimentados a cafés e donuts da pastelaria da dona Brillhantina, os modernos caçadores de palavras e imagens entupiram a rua. Nervosos, na expectativa de caça grossa, afagavam cúmplices as suas armas, e ensaiavam a fatal e universal pergunta “o que sente neste momento, Dr. Raposo?”.

Esta tirada clássica, provém da escola cínica dos repórteres desportivos. Com ela, desde tempos remotos, torturam os ciclistas nos finais das etapas de montanha da Volta a França, na esperança que, um deles, acabado de chegar à meta com os bofes de fora e a maldizer o dia em que pusera o cú no selim, das duas uma: ou lhes morra nos braços ou responda que sente uma euforia desmedida por finalmente ter percebido a complementaridade entre a escola positiva francesa e os filósofos naturalistas ingleses.

Pusesse o Raposo a cabeça de fora e seria ciclista morto.

Lavado e barbeado, João desceu na ânsia dos matutinos pastel e café da Dona Brilhantina. Chegado à rua entrou naquele S. João tardio de câmaras e microfones, contornando à força de “com licenças” aquela feira de caras mais ou menos conhecidas dos media.

Quando ia a entrar na pastelaria alguém gritou “Olha o gajo...!”

Foi como se as trombetas celestiais anunciassem começo do fim do mundo.

Câmaras e microfones, acompanhados dos seus jornalistas, obedecendo ao impulso de uma mola invisível, precipitaram-se em bloco para o outro lado da rua, em preparos de tropa fandanga apanhada pelo inimigo com as calças arriadas.

A custo, João conseguiu evitar uma dezena de jornalistas que, cegos de pressa, voaram de dentro do estabelecimento, derrubando cadeiras, copos, garrafas e pasteis de nata no turbilhão da sua passagem.

Porém, ele não conseguiu evitar o décimo primeiro...melhor a décima primeira, pois era mulher. Apanhada na ponta mais longínqua da sala, partira em desvantagem geográfica, agravada pelos saltos altos que calçava. Cerrou os dentes, engoliu o croquete e em passo de corrida, apesar de tudo elegante, partiu à desfilada, de microfone em riste.

Dizem que quanto maior é a velocidade a que viajamos, mas estreito é o nosso campo visual. Aquela jornalista viajava provavelmente próximo da velocidade da luz. Só assim se compreende que não tenha visto João no momento em que este entrava ainda meio tonto das acrobacias que fizera para evitar ser esmagado pela imprensa. Onde estava João, viu a mulher o nada. Mera ilusão de óptica, como viria a descobrir ao colher violentamente o homem que entrava.

A Física, sendo ciência exacta, não perdoa. O corpo de maior massa aguentou o impacto e devolveu ao corpo de massa menor parte da energia de que este vinha animado. Não fosse ser conveniente saber sempre a causa das coisas e bastaria dizer que em resultado do incidente, mulher e microfone estatelaram-se no chão da pastelaria.

Rapidamente refeito do atropelamento, João ajudou a repórter a levantar-se, desfazendo-se em desculpas e “mil perdões, minha senhora”. Ela, restaurada na posição bípede que distingue a nossa espécie, antes de prosseguir de encontro à sua presa, fuzilou-o com o olhar.

Dera já quatro passos em direcção à turba ululante que se acotovelava no lado oposto da rua, quando, de repente, estacou e voltando-se, encarou-o incrédula com a cara meia de lado e os olhos arregalados – João???????? João Pais?????

Esteve nessa incredulidade preciosos segundos de reportagem.

- Ah! João... que pena! Demasiado tarde, João!  
Demasiado tarde...

Nesses segundos, antes dela sumir no meio daquele mar de repórteres fizemos nós a reportagem que nos interessa. E vimos, na clareza transparente da sua cara, que era sentida e magoada a decepção daquela mulher.

Naquela noite, na pastelaria, mais frequentada do que habitual, toda a gente fez silêncio sepulcral para ouvir na televisão o Jornal da Noite. Nele apareceu, fugazmente a Dona Brilhantina, com garboso e imaculado avental, à porta do seu estabelecimento.

No final, as diversas rodas de conversa que se formaram, glosavam exclusivamente dois motivos: a estrondosa queda na pastelaria da linda repórter estrela de televisão e a, inabitual, fraca qualidade da reportagem da “ali mesmo caída naquele mosaico, caramba” Ana Vera Cabral, jornalista como não há outra.

A queda haveria de aproveitar muito ao aviamento comercial da pastelaria que ficou conhecida, até do outro lado do rio. Muitos vieram, em romagem ver o local onde a Ana Vera dera um bate-cú e, há custa disso, ficaram clientes da extraordinária mão da Dona Brilhantina para a pastelaria fina.

A reportagem? Bem, a reportagem fora surpreendentemente chocha e cravejada de lugares comuns.

O editor, já em desespero de causa, só a meteu no alinhamento do Jornal, por falta de alternativas: é que, desgraçadamente, não tinha mais nada sobre o Raposo.

Do meio minuto que foi para o éter, ficou na memória não o que foi dito, mas o estranho olhar vazio e ausente de Ana Vera, que se limitou a fazer, para pior, o papel de pé de microfone.

A crítica audiovisual sedeada na pastelaria foi unânime em atribuir a falta de acutilância jornalística às dores no traseiro, coitada.

Sabemos nós, porém, que as dores eram na alma, e essas, emperram o funcionamento da Razão.

Parecia mesmo que Ana Vera havia perdido a Razão.

No carro da reportagem em direção à estação, o câmera e o motorista se entreolhavam e olhavam no retrovisor, alternadamente. No banco de trás, Ana Vera Cabral, com os olhos ora cheio de lágrimas, ora sorrindo.

- Endoidou! Pensavam os dois.

O narrador que deve permanecer objetivo vai ordenar os fatos para o leitor pois mesmo “se” ou “quando” houver leitor, devem ser sempre bem informados. Portanto, vamos dar uma olhada na agenda da manhã dos nossos três personagens.

Antonieta	João	Ana Vera
<p>6h30 Acorda.</p> <p>Sai do quarto às 7h05 arrumada, vaporosa, maquiada, perfumada e toda elegante, como de costume.</p> <p>Desce para o café da manhã com o filho Bruno, que pergunta pelo pai e distraída responde:</p>	<p>7h45 João está plantado na porta da pastelaria. Segue com o olhar Ana Vera. Às 7h46 o celular começa a tocar e sem ser atendido toca novamente às 7h48, 7h50, 7h58.</p> <p>Às 7h59 o menino de 6 anos parado ao lado esquerdo de João na porta da pastelaria passa o bolinho de bacalhau</p>	<p>7h45 atravessa a rua correndo, mete-se na multidão toda esbaforida e as costas de algumas cotoveladas e da ajuda do seu câmera, que fala, espantado:</p> <p>- Anda Ana! O que te deu? Você está atrasada!</p>

<p>- Trabalhando, querido. Ele está trabalhando.</p> <p>Sai em seguida e chega no portão do colégio às 7h45. Despede-se do filho com um beijo, a recomendação de que não se suje, a declaração de que o ama muito e de que virá busca-lo às 17h00, como de costume.</p> <p>Tudo absolutamente normal e como de costume.</p> <p>E, como de costume dirige-se, para a casa de Maria Felicidade, sorrindo.</p>	<p>da mão direita para a esquerda, com a direita segura a calça de João na altura do joelho, dá dois puxões e fala;</p> <p>- Moço! Não vai atender seu celular, não?</p> <p>João ouve essa vozinha como se fosse a do Grilo Falante e obediente atende o homem berrando na linha:</p> <p>- João! O que te deu? Você está atrasado!</p> <p>- Já chego aí.</p> <p>Diz, sorrindo.</p>	<p>As 7h46 está cara a cara com o Raposo, posiciona o microfone e faz a pergunta mais imbecil de toda sua vida profissional:</p> <p>- Como está se sentindo?</p> <p>Todas as perguntas feitas nos minutos seguintes foram tão irrelevantes para o entendimento do assunto em pauta e para o esclarecimento da população quanto esta. No entanto, Ana Vera, está sorrindo.</p>
---	--	---

Para a pergunta:

- O que te deu?

Bem que, tanto João quanto Ana, gostariam de dar a resposta verdadeira:

- Acabo de encontrar a(o) mulher (homem) que amo.

Falar de amor a essas horas? Seriam tachados de loucos, irresponsáveis, xingados e amaldiçoados por perder tempo com besteiras quando há a tanto por fazer, por resolver. Para o Cotidiano, Amor não é prioridade.

Sabem que essa resposta - apesar de ser a mais estrita verdade - soaria incompreensível e mesmo ridícula para qualquer pessoa.

Talvez, apenas o menininho que fez o papel de Grilo Falante - e se aproveitou disso para deixar uma grande mancha de gordura e um ou dois pedacinhos do bolinho de bacalhau na calça de João - poderia ouvir isso assim e se dar por satisfeito:

- Ahhh tá. Que legal, moço.

E seguiria feliz mastigando seu resto de bolinho e bem satisfeito com essa resposta. Pois seja lá o que for esse tal de Amor, pelo sorriso que João tinha estampado na cara, pareceria mesmo ser bem legal.

Mas, o menino não ouviu essa declaração, ouviu foi Dona Brilhantina comentando no balcão enquanto João se afastava, sem pedir sequer um cafezinho:

- Viram só que antipático como ele derrubou a moça?

Ana Vera não era por natureza disciplinada e metódica como João. Apaixonada, impulsiva, pediu sua transferência para a universidade do



sul quando não suportou mais a indiferença e a covardia dele. Esperou durante toda a semana, carregando “A Cidade e as Serras” na bolsa, ainda emocionada e transbordante de amor, apesar da decepção quando percebeu que João ao sair naquela noite, não voltaria para sequer ver no lençol a pequena mancha de sangue de sua virgindade que se fora.

Uma semana esperando por algo tão desejado é de matar qualquer um de exasperação.

Passou o final de semana ainda mais irritada com a atitude dele. Na segunda-feira foi para a aula cheia de esperanças, de mini-saia e blusa justa. Na terça, acordou atrasada, menstruada e com cólicas, vestiu-se de qualquer jeito e quando finalmente o viu, explodiu sua frustração chicoteando seu próprio nome contra a cara de um João sem reação. E as palavras que eram um vaticínio:

- Tu vais querer muito pedir-me perdão.

Depois disso ao vê-lo por algumas vezes se aproximar todo vacilante, sentiu seu desconforto e falta de determinação como uma ofensa e se afastou, esperando no íntimo que ele a chamasse, que corresse, que fizesse algum gesto mais determinado para não perde-la. Mas, não. Ele apenas se conformava e se afastava, cabisbaixo. Isso doía, e doía cada vez mais fundo e fazia com que Ana desejasse ao mesmo tempo: bater violentamente nele / sair correndo / sentar no meio-fio chorando desconsoladamente / enche-lo de beijos e pedir que não se fosse embora jamais...

Achou que longe dele, esqueceria.

Era jovem e não sabia ainda que essas coisas que se acham em situações assim logo são perdidas.

Como esquecer sequer a primeira vez que notou João?

Na lanchonete da faculdade procurava um lugar vago para sentar e comer seu sanduíche. No lúgubre galpão estreito e de imenso pé direito que servia de lanchonete as mesas foram separadas com paredes de treliça onde folhagens artificiais entrelaçadas procuravam dar um ar mais jovial e aconchegante ao lugar. Espelhos estratégicos nas laterais disfarçavam a pouca largura. E foi ao lado de uma dessas mesas espelhadas que Ana achou lugar, sentou e viu então João refletido no espelho.

Sem a poder notar, lado a lado com ela, separados por folhas de plástico, João conversava com amigos, todo entusiasmado com um livro que encontrara há alguns dias.

Ana reparou primeiro em seus olhos. Expressivos, levemente puxados, escuros, tinham uma certa inocência misturada com uma surpreendente ironia mal disfarçada. Ironia, sinal de inteligência aguçada, nem sempre percebida pelos colegas, como Ana reparou. Notou em seguida as mãos grandes que pontuavam com elegância a conversa.

Mãos, olhos, a bonita voz. Ficou ali esquecida, involuntariamente ouvindo a conversa, mastigando cada vez mais lentamente seu sanduíche. Um bem estar crescente, físico, inusitado, um prazer doce em estar ali ouvindo e vendo aquele rapaz e seus comentários, às vezes João até lia um trecho para os amigos e na voz carinho e admiração pelas palavras do autor.

Ana sabia que eles precisavam estar juntos! Que ela e ele fariam uma combinação preciosa e rara como um vaso chinês.

Quando naquela noite na livraria sentiu sua presença, seu corpo se aqueceu na mesma sensação deliciosa da primeira vez. Era a sua oportunidade de se fazer notar, de conversar com ele. Sair dançando completamente encantada em sua perseguição pelas estantes, foi absolutamente natural. E ao iniciarem a conversa no início meio sem sentido, viu todas as concordâncias que tinham e as que discordâncias lançavam apenas mais coisas por saber, por entender, por conhecer. Harmonizavam-se em suas diferenças, cúmplices e companheiros.

E agora, encerrando às 18h45 a última reunião de pauta do dia, após a bronca do editor, o espanto dos colegas pela matéria chocha e pelo seu ar ausente, sentia a dor de ter ficado tantos anos longe. E a extrema maravilhosa, louca alegria de ter reencontrado.

Passou todo o dia revendo mentalmente as cenas do seu breve encontro. E agora se dá conta de que havia aquele leve brilho dourado na mão esquerda de João.

Até o noticiário da noite ser exibido João e Ana seguiram seus compromissos a custo e como puderam. Antonieta, esta seguiu em seu caminho suave.

Antonieta? Ela sempre soube ser homossexual. É claro que alguém como ela jamais sairia declarando isso em praça pública. Antonieta não era do tipo que empunharia nenhuma bandeira, não lutaria por nenhuma causa, não causaria sequer o constrangimento de uma transgressão de trânsito quanto mais de vida. Caçula das três irmãs com uma boa diferença de idade, era tratada como uma bonequinha por elas. Cheia de mimos e cuidados de toda a família, o bom e o melhor para ela. A sua beleza e delicadeza fazia com que todos a tratassem como se fosse um anjo.

De fato, Antonieta sempre teve corretos sentimentos com relação a todos, agindo sempre com a maior boa educação, só se inflamava em sentimentos acalorados com a amiga Maria Felicidade.

Momentos descompostos. Eram as horas em que ... digamos assim, ela perdia a classe que tão bem a caracterizava.

Aceitou o casamento meio arranjado com João de boa cara, desejava ter um filho e o status de esposa para dar sua cota de satisfação à sociedade. Maria Felicidade também era filha de uma das tradicionais famílias da Velha Cidade e todos achavam muito natural a amizade íntima e até grudada das duas.

- São como irmãs, que lindo isso! Diziam todos, aprovando tão elevados e fraternos sentimentos entre as representantes do que havia de mais tradicional, respeitável e bem educado na sociedade.

Antonieta e Felicidade mantinham as aparências, afinal existiam fortunas em jogo nos negócios das duas famílias. Felicidade, filha única, tocava os negócios da família desde a morte do pai, com mão de ferro, e todas suas delicadezas eram dirigidas apenas para Antonieta. Amavam-se, de fato.

Por João, Antonieta sentia afeto e cuidados, no entanto suportou João com uma certa alegria em seu corpo somente até ter engravidado do Bruno e após isso apenas com resignação. Detestava as diferenças físicas entre ela e o homem. Para a sua extrema delicadeza apenas as curvas e suavidades de Felicidade a agradavam e excitavam, jamais os ângulos retos, as mãos grandes, a altura, o peso ou mesmo o cheiro másculo de João que lhe causavam até repugnância.

Torcia seu delicado narizinho à lembrança das pernas cabeludas do marido, apesar de ter sido justamente esse um dos motivos de aceitá-lo pois João não era do tipo excessivamente peludo.

Se ele fosse, ela casaria com outro.

João. Esse segue seu caminho para o escritório. Atordoado e com fome entra na sala e no caos provocado por sua breve ausência. A secretária enlouquecida arregala os olhos para esse Doutor meio amarfanhado e de calça manchada O cliente, a quem dera o maior cano na noite anterior, espumava de raiva.

Sentindo que ele mesmo estava enlouquecido - só que de paixão - sequer reparou que no caminho andando pelas ruas ensolaradas a sua sombra alegremente voltou a acompanhá-lo.

Com ar ausente cumpriu seus compromissos, deu desculpas vagas ao cliente, orientações conflitantes para a secretária e uma ordem para si mesmo:

Ir atrás dela.

A soma das intensas emoções vividas por João desde o dia anterior, a noite pouco e mal dormida, somada a falta de alimento mais o violento encontro físico com Ana Vera resultou em um safanão na sua psique. Aquelas caixas internas onde guardava rapidamente todo acontecimento ameaçador à sua disciplinada personalidade - como um menino que guarda ávido em uma caixa de charutos todas as suas preciosidades e tão bem escondidas que as esconde até de si mesmo - se escancaram.

Talvez nunca antes João tenha olhado para esses objetos preciosos de sua vida emocional assim à luz plena do dia. E, lá no meio de outras menores resplandecia com todas suas cores, Ana Vera Cabral.

No diálogo cheio de cumplicidade na livraria, na alegre conversa cheia de risadas de perder o fôlego até chegar na casa de Ana, na intensidade das horas de amor ele esteve inteiro. Nunca antes a palavra despido fora tão verdadeira.

Com Ana foi inteiro, tudo o que era e tudo o que poderia vir a ser. Na pele de Ana Vera, cometia ousadias e recuava, encabulado. Para logo em seguida rir e se desmanchar em delicadezas carinhosas com suas mãos grandes de rapaz nos cabelos desgrenhados. Afundava-se em seus cheiros.

O medo de João vinha daí. Ana fora a única pessoa que o vira tão completamente despido, sem máscaras, sem disciplina, sem compromissos. Simplesmente um ser humano masculino de casual nome João no encontro com outro ser humano também despido - e esse, feminino até as raízes dos cabelos encaracolados - de casual nome Ana.

Só agora, vinte anos depois, percebe o quanto sua trajetória de vida foi determinada por temores.

Nos breves momentos em que seus olhos castanhos cruzaram com os olhos verdes de Ana Vera, pode ver a dor da separação e mais que isso. Ela ainda o queria!

O céptico e ateu João, não se pode impedir de dar graças. Que a penitencia de sua covardia passada não seja perder Ana Vera em definitivo.